

# Educar para a Cidadania Democrática

## Uma frente contra o racismo

“Conscientes do seu papel, da importância da formação de professores e educadores e das lacunas que ainda hoje a escola portuguesa apresenta, no que respeita aos contributos para uma educação que analise, questione e recuse o racismo, um grupo de professoras da ESE do IP de Setúbal concebeu um Roteiro para uma Educação Antirracista” – e é sobre esse projeto que aqui escrevem, *contando-o* e fazendo pertinentes considerações a seu respeito, contextualizadas na necessidade da Escola ensinar também democracia

CRISTINA GOMES DA SILVA,  
ANA MARIA PESSOA, ANA  
PIRES SEQUEIRA, CRISTINA  
ROLDÃO, MANUELA MATOS

# U

Uma sociedade que se ensina, ensinando aquilo que é: a Democracia aprende-se na Escola

A Educação para a Cidadania tem feito um longo caminho em Portugal e a afirmação da sua necessidade torna-se tanto mais premente quanto mais progridem as ameaças à Democracia nos dias que correm.

Os anos do Estado Novo criaram, por um lado, cidadãos amorfos e amedrontados e, por outro lado, ativistas resistentes. Em ambos os casos, dependentes de decisões emanadas de cima, nas quais não participavam, mas que tinham implicações profundas nas suas vidas. O 25 de Abril de 1974 criou o contexto ideal e necessário para imprimir um novo rosto a Portugal atribuindo um papel fundamental à escola pública no desenvolvimento das aprendizagens para a Cidadania Democrática.

Os centros de treino para a Cidadania Democrática são as escolas. Ser cidadão ou cidadã em



Imagem de uma das sessões do Roteiro contra o Racismo

democracia pressupõe a existência de qualidades sociais, emocionais, intelectuais e de intervenção que não são inatas – não se nasce/é democrata por se nascer/viver em democracia. Essas qualidades precisam de ser aprendidas e vividas nas experiências quotidianas.

E porquê nas escolas? E, em particular, na escola pública? Porque não há educação neutra nem apolítica; porque enquanto instituição fundamental na manutenção de

qualquer sistema político está, por definição, comprometida com esse mesmo regime; por ser a instituição que abre as suas portas a todos, independentemente do género, da origem social ou étnica, da crença religiosa ou da filiação ideológica; e porque só através dela conseguimos democratizar o acesso ao conhecimento com a meta colocada na massificação do sucesso. Sucesso este que começa por ser escolar e acaba sendo social.

Em Democracia, enquanto regime participativo e plural que acolhe a diversidade, todas as vozes têm lugar, mesmo as críticas e dissonantes, desde que não coloquem elas próprias em risco os valores democráticos. Só com Cidadãos participativos, informados e conscientes do caráter fundamental de uma sociedade democrática, onde o desenvolvimento humano é um pilar essencial e na qual todos participam e

“Sem estas dimensões (das origens históricas) corremos o risco de folclorizar a diversidade e, em vez de combatermos o racismo, realimentá-lo, ainda que de forma mais colorida e bem-intencionada

são valorizados, conseguiremos construir uma sociedade solidária, plural, justa e igualitária.

Para que estes desígnios se concretizem a partir da Escola temos de ter agentes que garantam que esse trabalho é feito quotidianamente através de práticas que promovam a aquisição e desenvolvimento de competências cidadãs e pluriculturais. Esses agentes são os professores.

A ação desenvolvida pelo Conselho da Europa, nomeadamente com o estabelecimento do Referencial de Competências para a Cultura Democrática (2016) tem sido um pilar importante na promoção da democracia, na defesa e valorização dos Direitos Humanos e do Estado de Direito. Em Portugal, a influência deste Referencial esteve presente na conceção de um conjunto de instrumentos de política educativa que vieram facilitar o trabalho dos





ID: 80670251

22-05-2019 | Educação

professores no processo de formação de futuros cidadãos. Referimos o Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória (2017), a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (2017), o conjunto de Aprendizagens Essenciais (2018, os diplomas que regulam a Autonomia e Flexibilidade Curricular (2018).

#### O PAPEL DOS PROFESSORES COMO INDUTORES DA MUDANÇA

CA tem um centro: o da inovação pedagógica. E não falamos exclusivamente de levar para dentro da escola o último grito da inovação tecnológica, nem as TIC como elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Falamos de processos de aprendizagem mais participados e transversais, em que o trabalho colaborativo é valorizado, em que a competição não é um valor, em que os alunos se apropriam do conhecimento de modo mais perene e com mais sentido, em que a escola é de facto um lugar onde gostamos de ir e de onde não temos de sair esgotados pela repetição de gestos e palavras, mas satisfeitos pela possibilidade de criação. Ou seja, uma escola onde a diferenciação pedagógica seja realidade, tendo como pilar uma pedagogia crítica e antirracista.

Os professores são criadores e criativos e têm de ter condições para inovar na forma como desenvolvem o trabalho pedagógico. As lideranças de topo e intermédias são fundamentais para darem corpo a modelos organizacionais que respondam às necessidades dos contextos escolares. Ora, se os professores não se pensam, e ao seu papel, de forma crítica, dificilmente estarão aptos a promover a mudança e a garantir que a escola pública é capaz de defender e manter os princípios, valores e práticas democráticas.

De forma transversal ao currículo, ou enquanto disciplina, a Educação para a Cidadania prevê a educação intercultural entre os vários domínios a desenvolver. A Educação Intercultural tem sido, pelo menos desde a década de 90, a via pela qual, em Portugal, se tem criado espaço para as aprendizagens na área da igualdade e da diversidade. Cabe perguntar se a tónica no reconhecimento, respeito e valorização dessa diversidade não deverá, para atingir os efeitos pretendidos, estar mais explicitamente ancorada a uma visão crítica sobre as origens históricas – escravagismo, colonialismo e luso-tropicalismo – e causas sociais – relações estruturais de poder – do racismo. É que, sem estas dimensões, corremos o risco de folclorizar essa diversidade e, em vez de combatermos o racismo, realimentamo-lo, ainda que de forma mais colorida e bem-intencionada.

Conscientes do seu papel, da importância da formação de professores e educadores e das lacunas que ainda hoje a escola portuguesa



**ROTEIRO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

JANEIRO  
A SETEMBRO 2019

**O racismo é uma dimensão das desigualdades sociais e das relações de poder em sociedade que não tem tido visibilidade na formação inicial e contínua de educadores e professores**

apresenta, no que respeita aos contributos para uma educação que analise, questione e recuse o racismo, um grupo de professoras da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal concebeu, no início de 2019, um Roteiro para uma Educação Antirracista. É um projeto cujos principais objetivos passam por contribuir para esta discussão divulgando textos e experiências para a transformação das práticas e das conceções dos professores neste domínio e para os tornar mais conscientes sobre o seu papel e responsabilidade como intervenientes ativos na construção de um currículo antirracista nos seus contextos profissionais.

Com esta iniciativa, além do universo da escola e dos professores, pretendeu-se ainda mobilizar outros atores, que no contexto da cidade e da região pudessem

participar na discussão sobre a importância de uma educação antirracista, fundamental para uma sociedade inclusiva e politicamente ativa. Essa é a escola que defendemos, a sociedade democrática que queremos, respeitadora do/no quadro dos direitos humanos.

Dentro deste quadro, como foi/está a ser desenvolvida esta iniciativa de formação de professores e futuros profissionais de educação?

#### UM ROTEIRO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Em 2019, Portugal assinala os 150 anos da publicação do decreto que aboliu, formalmente, a escravatura no denominado império português (*Diário do Governo* nº 45 de 27 de fevereiro de 1869). Tratando-se de um marco histórico na procura de uma sociedade menos diferenciadora assumiu-se como uma oportunidade para refletirmos criticamente sobre o legado da escravatura e do colonialismo na contemporaneidade, designadamente sobre o racismo. Nos últimos anos, o debate sobre o racismo, a narrativa nacional e passado colonial têm vindo a ganhar relevância (envolta também em enorme controversia) no espaço público. Esta relevância tem-se afirmado por diversas vias: reivindicações dos movimentos sociais de afrodescendentes, comunidades negras e antirracistas; observações e recomendações de organismos internacionais; e a vinda a público de episódios de explícita discriminação étnico-racial. O racismo é uma dimensão das desigualdades sociais e das relações de poder em sociedade que não tem tido visibilidade na formação inicial e contínua de educadores e professores. Existe assim a necessidade de que dirigentes educativos, professores e educadores estejam ativamente envolvidos nessa reflexão, transformando as suas práticas para tornar as escolas lugares de cultura democrática e de igualdade étnico-racial.

**OBJETIVOS** Esta iniciativa desenvolveu-se em torno de quatro grandes objetivos: promover, junto de professores e educadores, saberes sobre a educação antirracista e desigualdades étnico-raciais na educação; contribuir para a desconstrução crítica de narrativas históricas dominantes e de estereótipos racistas; promover, no próprio processo formativo, a representatividade étnico-racial; associar a investigação e a ação educativa no processo de desconstrução da desigualdade étnico-racial e do racismo.

**FUNCIONAMENTO** Tendo em conta a centralidade da educação na promoção dos direitos fundamentais e no combate ao racismo, o referido grupo de trabalho tem vindo a desenvolver, desde janeiro de 2019 um conjunto de atividades de educação formal e não-formal consubstanciadas num curso de formação e um roteiro de atividades livres de promoção de uma educação antirracista, sendo ambas as atividades implementadas de forma integrada. O curso termina em junho e estruturou-se em seis sessões, com uma periodicidade mensal assumindo diferentes modalidades: seminários, debates e uma exposição.

Paralelamente, em parceria com a Câmara Municipal de Setúbal, está a ser concebido um Roteiro sobre os lugares da presença negra/escrava na região de Setúbal. Prevê-se que esta atividade esteja concluída em setembro deste ano.

No sentido de alargar a iniciativa e dar-lhe um modelo mais inclusivo e aberto, as sessões foram realizadas em espaços públicos da cidade (Biblioteca Municipal, Escola de Hotelaria, Cinema Charlot) convocando diferentes tipos de atores – professores, investigadores, ativistas, políticos e artistas – que partilharam o seu conhecimento e experiências.

Três eixos nortearam as diferentes atividades concebidas para o Roteiro. Por um lado, uma aposta

na discussão do racismo enquanto continuidade colonial e substrato da própria identidade nacional, temas centrais do seminário de abertura – *Colonialismo, Memória e Racismo no Portugal contemporâneo* – e da exposição “Para uma História do Movimento Negro em Portugal, 1911-1933”. Por outro, o eixo temático “(Anti)racismo, Políticas e Práticas Educativas” que esteve na base das sessões “Eurocentrismo e Silenciamento nos Manuais Escolares”, “Diversidade Linguística e Bilinguismo nas Escolas” e “Educação Intercultural, Educação Antirracista e para a Cidadania”, assim como do seminário de encerramento, onde se cruzam intervenções de decisores políticos, investigadores que se têm debruçado sobre a territorialização das desigualdades educativas e do racismo, e ainda com o olhar e a experiência de atores que vão construindo uma escola mais inclusiva no quotidiano da sala de aula das suas instituições de pertença.

Por fim, a reflexão em torno da “Representatividade na (Re) Produção de Conhecimento” desenvolvida, sobretudo, em dois momentos. O primeiro refere-se à sessão com a mesma designação em que foram convidados educadores, investigadores e escritores negros que problematizaram a partir do seu lugar de fala a relevância da representatividade étnico-racial. Nessa sessão foi ainda possível aceder a literatura africana e de autores negros para diferentes idades e em múltiplos estilos. O segundo momento remete para o debate “(Anti) Racismo nos Média” em que se procurou compreender de que forma é que os média contribuem para (des)construir as conceções e as práticas racistas na escola, no quotidiano e no campo da produção cultural.

Quase no final deste percurso, feito paulatinamente, ao longo de um tempo relativamente longo, com a vontade de contribuir para um debate do interior para o exterior da organização escolar e académica, espera-se que a reflexão sobre o antirracismo seja vista como uma das componentes fundamentais da construção de uma sociedade mais igual, no acesso e no sucesso. Uma sociedade intrinsecamente democrática constrói-se diariamente, através do respeito pelos direitos humanos e de uma frente assumida contra o racismo. ■

\* Cristina Gomes da Silva, diretora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESEIPS) e membro da Educational Policy Advisors Network (EPAN) do Conselho da Europa; Ana Maria Pessoa e Ana Pires Sequeira, prof.ªs adjuntas da ESEIPS; Cristina Roldão, prof.ª adjunta convidada da ESEIPS e investigadora do Centro de Estudos de Sociologia do ISCTE-IUL; Manuela Matos, educadora de Infância e prof.ª convidada da ESEIPS



JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

**JL**

Ano XXXIX · Número 1269 · De 22 de maio a 4 de junho de 2019  
Portugal (Cont.) €3,20 · Quinzenário · Diretor José Carlos de Vasconcelos



**JÚLIO POMAR:**  
uma exposição,  
um livro, um ciclo de filmes



**ANTÓNIO SÉRGIO:**  
**QUE HERANÇA?**  
POR EUGÉNIO LISBOA

**A EUROPA**  
em vésperas das eleições  
POR VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

A AUTOBIOGRAFIA DE GABRIELA CANAVILHAS

# LIVROS

## A FEIRA CONTRA A CRISE?

COMEÇA A 19, NO PARQUE EDUARDO VII, EM LISBOA, A MAIOR EDIÇÃO DE SEMPRE DO CERTAME. COMO VAI SER E O QUE VAI ACONTECER. PRÉ-PUBLICAÇÕES E CONVERSAS COM QUATRO ESCRITORES

**AINDA SOPHIA**



Texto de Nuno Júdice  
e a biografia lida  
por Miguel Real

**JL/EDUCAÇÃO:** DEZ PROFESSORES EM DESTAQUE  
Um Roteiro Antirracista \* O acesso ao Ensino Superior nos cursos especializados